



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

DA LIBERDADE À SERVIDÃO. O DISCURSO DA LEGALIDADE E A CRISE ÉTICA NO MUNDO GLOBALIZADO

Edna Maria Souza Rabelo*
(UESB)

Jorge Miranda de Almeida**
(UESB)

RESUMO

No presente artigo discutimos o capitalismo e o processo de globalização e seu impacto na forma de se entender o contrato social, o gerir a produção, o consumo, a manutenção da vida, da liberdade e da igualdade entre os homens e as implicações ética e política dessa ordem econômica. A demanda do consumo global tem gerado consequências que trazem mudanças na maneira de viver de milhões de pessoas em todo o mundo, expondo a fragilidade humana frente ao poder de dominação do capital, e as suas imposições.

PALAVRAS-CHAVE: Contrato social. Globalização. Crise ética.

INTRODUÇÃO

Com o crescente processo de globalização da sociedade contemporânea, temos assistido a uma acelerada propagação de objetos “globalizados” destinados ao consumo. E muitos deles sem nenhuma procedência de nacionalidade distintiva, característica ou qualquer outro elemento que revele sua origem. Produzidos de forma fragmentada em vários lugares do mundo, esses “produtos globais” são completamente desterritorializados, possuindo como único referencial de

*Mestranda do PPGMLS (Memória:Linguagem e Sociedade), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: em_rabelo@yahoo.com.br.

** Pós-doutor pela Universidade do Vale do Rio do Sinos UNISINOS (2011). Doutor em Filosofia pela Pontifícia Università Gregoriana (2004). Professor titular do DFCH- UESB. Professor do programa de pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. E-mail: mirandajma@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

identidade “uma marca”, que é a forma sígnica que o difere como produto. A gravidade se acentua porque o indivíduo não se identifica mais com uma personalidade, com um caráter, mas com uma determinada marca que o qualifica como sendo capaz de reconhecimento, aceitação, *status* e beleza.

Nesse contexto Severiano nos diz que o desaparecimento do indivíduo corresponde à ascensão do produto, que adquire cada vez mais personalidade e autonomia. A identidade do produto é concedida pela marca e por sua vez a marca determina a identidade do sujeito.

A “marca”, nela se conjugam: um estilo, um comportamento, uma atitude, um valor, um desejo, um conceito, cumplicidade, simpatia ou aversão, um rosto, uma fala, uma identidade, uma personalidade própria, um mundo...Haveria um ser mais completo? A marca é tudo! (SEVERIANO, 2001, p.213).

Essas formas sígnicas ganham valor agregado por sinalizarem ditames diferenciados de status ou nível social determinados pela moda. Onde quer que existam pessoas que, induzidas, manipuladas e sujeitadas pelas estratégias de consumo, tornam-se dispostas a enquadrar-se nos moldes definidos pela moda ou pelo que ela é ou pode denotar, haverá produto para ser consumido. Atualmente não somos mais ameaçados por penas capitais, mas por exclusão.

E na esteira do reinado do consumo global vem outras conseqüências que tem mudado a maneira de viver de milhões de pessoas em todo o mundo. São hierarquias sendo quebradas, valores e culturas milenares sendo desrespeitados e menosprezados como os chineses, africanos, indígenas, leis sendo ignoradas, democracias e fronteiras desconsideradas aparentemente em nome do consumo, mas na realidade em função da usura do lucro e do poder.

Mas, o impacto desse desarraigamento de processos, empresas, organizações, Estados e sujeitos ou indivíduos têm uma enorme capacidade para



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

fazer emergir outras noções de povo e nação, de dever e direito, de trabalho e de tributo tão fortes que podem mesmo afetar a natureza do contrato social.

Se estou certo acerca do achatamento do mundo, ele entrará para a História como uma daquelas transformações cruciais, que em sua própria época, promoveram mudanças no papel dos indivíduos, no papel e formato dos governos, no nosso modo de inovar, no nosso modo de fazer negócios, no papel das mulheres, no papel de estudar, nas reações da religião, na expressão da arte, na condução da ciência e das pesquisas, para não falar nos rótulos políticos que atribuímos a nós mesmos e aos nossos oponentes. (FRIEDMAN, 2005, pg.59)

De onde quer que olhemos vemos cada mais indivíduos e produtos sem pátria, perdidos ou degredados em sua própria terra, pois, para sobreviver, são obrigadas a submeter-se a normas, leis e decretos de países que nunca viram, de governos que não são os seus, e a patrões que jamais conhecerão. Essa nova conformação do mundo de que nos fala Friedman traz à vista a enorme fragilidade humana frente ao poder de dominação do capital, e as suas imposições. Somos obrigados por sua força não só a obedecer, mas a curvar-nos. É a tirania do poder econômico espoliando o nosso direito de ser e de ter com dignidade.

A distância geográfica entre quem produz e quem consome tem criado uma nova maneira de conformar as relações de trabalho e de serviço. E a reutilização da estratégia de domínio que postula que reino dividido não subsiste nem impõe resistência.

Não se trata mais simplesmente de como governos ou grandes empresas administram seus negócios, ou simplesmente como se comunicam, ou organizações interagem, mas sim, do surgimento de novos modelos políticos e empresariais, mas exatamente a política submetida e assujeitada aos donos do capital que passam a ser os patrões dos políticos, por isso, em muitas situações, o comprometimento é tão grande que os políticos utilizam uma retórica para iludir os seus eleitores ou os seus súditos, porque são dependentes dos interesses dos



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

grupos que os mantêm na estrutura oficial de poder quer na esfera municipal, quer na estadual, quer na federal. Dessa forma, o que estamos assistindo passivamente é a destruição da ordem democrática em favor de grupos oligárquicos e de uma nova forma de aristocracia.

Com isso, temos nos tornado servos de cada vez mais senhores ávidos de controlar mais do que seu reino. Mas reinos, com servos cada vez mais distintos em sua cultura, modo de vida, língua e concepções de mundo, conceitos estes para os senhores, pontuemos, com pouco ou nenhum valor. Contratam-se serviços e não pessoas, embora hoje os produtos adquiram uma dimensão ética em função da credibilidade e confiabilidade dos produtos, o mesmo não se pode dizer em relação às pessoas e a destituição que ocorrem em suas subjetividades e existências.

Estamos nos transformando em servos voluntários de senhores que sequer conhecemos, seja pelo seu valor, honra, bravura ou perversidade. La Boétie, no início de seu *Discurso da Servidão Voluntária* (1986), reporta-se a Homero, através da fala de Ulisses, quando este afirma que é melhor ter um senhor a ter vários. Argumenta dizendo que quando um senhor é perverso, estamos sujeitos à desgraça, quanto mais se nos sujeitarmos a vários. Em seguida, chocado, o autor constata o absurdo de haver tantos homens, cidades e nações que com facilidade se submetem a um só Tirano, cujo poderio é, ironicamente, outorgado por eles próprios. Os padrões das multi e transnacionais têm qual a visão ou a compreensão das crianças e adolescentes que são explorados e escravizados nas empresas que teimam em mantê-los em países onde a fiscalização é inteiramente conivente com a exploração como Malásia, Indonésia, China, Brasil e porque não ampliar para todos os países latino americanos e africanos?

A questão da servidão voluntária e a destituição da subjetividade em processos de subjetivação admiravelmente e estrategicamente utilizados no capitalismo constituem os principais obstáculos à construção de consciência exatamente por parte daqueles que são subjugados e assujeitados a um não-ser



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

que não partiu de uma escolha e de uma vontade singular. La Boétie em 1577, expressa com indignação e incompreensão o porque da servidão questionando.

Por hora gostaria apenas de entender como pode ser que tantos homens, tantos burgos, tantas cidades, tantas nações suportem às vezes um tirano só, que tem apenas o poderio que eles lhe dão, que não tem o poder de prejudicá-los senão enquanto tem vontade de suportá-lo, que não poderia fazer-lhes mal algum senão quando preferem tolerá-lo a contradizê-lo. Coisa extraordinária, por certo; e porém tão comum que se deve mais lastimar-se do que espantar-se ao ver um milhão de homens servir miseravelmente, com o pescoço sob o jugo, não obrigados por uma força maior, mas de algum modo (ao que parece) encantados e enfeitados apenas pelo nome de um, de quem não devem temer o poderio, pois ele é um só, nem amar as qualidades pois é desumano e feroz para com eles. [...] portanto, se uma nação é obrigada pela força da guerra a servir a um, como a cidade de Atenas aos trinta tiranos, não é de se espantar que ela sirva, mas de se lamentar o acidente; ou melhor, nem espantar-se nem lamentar-se e sim carregar o mal pacientemente e reservar-se para melhor fortuna o futuro. (LA BOÉTIE, 1986, p. 12)

La Boétie certamente não contava em sua época com os avatares da tecnologia da informação e da comunicação. Seguramente as propagandas subliminares, indutivas, persuasivas, não paralisavam vontades e consciências através da sedução e da criação de necessidades artificiais, enquanto transformavam as necessidades vitais do ser humano em fantasias. A servidão na primeira década do século XXI também é uma servidão *querida* pela população. Mas trata-se de um querer imposto, logo, da ausência da vontade e da liberdade e uma forma de servidão muito mais sutil e diabólica, porque serve-se, nega-se a si mesmo sorrindo, comendo no *à la carte* do Mcdonalds e tomando coca-cola.

O número de brasileiros que se interessam por questões políticas, econômicas, éticas é um argumento bastante relevante para demonstrar o quanto a



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

ausência da participação da vida pública implica em servidão voluntária. A servidão é acolhida, desejada e o próprio povo se deixa dominar. O número de brasileiros que se resignam a uma vida miserável em um país onde “em se plantando tudo dá” e por sua extensão continental poderia propiciar uma habitação e uma condição de vida digna a cada um dos seus habitantes. No entanto, o Brasil é por excelência um dos campeões mundiais em concentração de rendas e desigualdades sociais. Como será que La Boétie qualificaria os brasileiros?

Retornando a análise do *Discurso da servidão voluntária*, La Boétie conclui então, de uma parte, que a servidão é o resultado da fraqueza humana ao submeter-se à servidão “... é o povo que se sujeita, que se degola, que, tendo a escolha entre ser servo ou ser livre, abandona sua franquia e aceita o jugo; que consente seu mal - melhor dizendo, persegue-o”. (LA BOÉTIE, 1986 p.14) O espetáculo da sujeição voluntária de nações inteiras, não contentes em apenas obedecer desejando também servir, leva La Boétie, desanimado, a definir escravidão nos termos de “mal” e “vício” que afetam a natureza humana na profundo de sua essência.

A questão adquire ares antropológicos, éticos e filosóficos que por uma questão de delimitação não adentraremos, mas La Boétie se perguntou como se produz o desejo nos homens? Por quê o homem desenvolveu o desejo para a servidão e renunciou o desejo à liberdade? Foi renúncia e, portanto, um ato de sua vontade ou foi doutrinado para renunciá-la, não tendo consciência do ato de servir? Quem e o quê estão por trás da doutrinação do desejo da subjetividade humana?

A constatação de La Boétie ecoa nos dias atuais como uma verdade ruidosa e atordoante. “Que mau encontro foi esse que pôde desnaturar tanto o homem, o único nascido de verdade para viver francamente, e fazê-lo perder a lembrança de seu primeiro ser e o desejo de retomá-lo?” (LA BOÉTIE, 1986 p. 110)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Mas afinal, que poder tem atuado para gerar em nós, indivíduos de mentes modernas, que não necessitam mais de grandes transcendentais para conduzir a sua própria vida, a tamanha vontade de servidão? Se em tempos de paz e liberdade por que nos sentimos em constante estado de violência, guerra e dominação?

Rousseau na sua obra *O Contrato Social* diz que o homem nasce livre, e por toda a parte encontra-se a ferros. O que se crê senhor dos demais, não deixa de ser mais escravo do que eles”(ROUSSEAU,1999, v. I, p. 53). A questão trabalhada com um certo pessimismo por este pensador é muito próxima da abordagem realizada por La Boétie. Porém há um aprofundamento na questão por parte deste último. A servidão é fruto de uma convenção e julga ser importante investigar a natureza dessas convenções. Nesse contexto temos uma configuração nova: a servidão não é natural, porque nada do que é humano é natural, considerando o ser humano como um ser sócio-cultural é no interior desse contexto e numa dialética entre a subjetividade do si mesmo e a objetividade do grupo social em que ele se constrói como homem livre ou como servo.

Para entender a ideia de liberdade em Rousseau é preciso em primeiro lugar compreender a distinção que ele faz entre a liberdade natural e a liberdade civil, as liberdades efetivas do cidadão, que lhe permita manifestar-se como um membro partícipe de uma sociedade política e moral, mesmo com suas diferenças individuais. Assim, Rousseau demonstra que o homem como ser natural possui uma igualdade verdadeira. No entanto, em pleno século XXI os grilhões de que nos falou Rousseau, e a servidão voluntária detectada por La Boétie não poderia ser mais contemporânea. O fenômeno da globalização se funda numa escala de valores, onde a liberdade e a igualdade não são elementos fundamentais na constituição do ser humano como ser social. A sede de consumo é hoje a toxina que se inocula em cada um de nós diariamente, nós tornando servos do sistema, impedidos de pensar, e onde não há pensamento



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

não há personalidade. O veneno da servidão precede a decadência do corpo social.

O achatamento do mundo de que fala Thomas Friedman difere de situações anteriores de transformação que o mundo viveu, pois, ela se dá numa rapidez e amplitude nunca antes vista ou vivida pela humanidade. “O processo de achatamento está acontecendo à velocidade da luz e toca, direta ou indiretamente, muito mais gente em todo o globo”. (FRIEDMAN, 2005 p.59). A globalização espalhou centros de produção e de montagem por várias partes do mundo, o que desvirtuou o conceito de produto legítimo, verdadeiro. Esta é a era da incerteza da expressão *made in*³⁹⁶ criada em 23 de agosto de 1877 no Reino Unido³⁹⁷ para designar a procedência e proteger a produção industrial com um selo de qualidade, que mais tarde, tornar-se-ia também de responsabilidade. Que significado tem o *made in* nos dias de hoje?

Como dito anteriormente o *made in* foi criado para dar garantia ao consumidor do produto que estava adquirindo, e trazia consigo um conjunto de atributos que o distinguia de outros produtos e fabricantes. No entanto, dada a fragmentação da produção, não se pode mais associar marca, produto e produtor. Isso não só pela crescente onda de falsificação das marcas e patentes, mas principalmente pela generalidade da produção oficial. Produtos considerados de *griffe* por terem uma linha de produção rigorosamente controlada, matérias primas diferenciadas e mão de obra qualificada e devidamente remunerada, são hoje tão raros quanto a sua verdadeira procedência. O *made in* é genérico, ou talvez uma cópia de qualidade, ou mais ainda, uma imitação perfeita de algo que um dia pode ter sido considerado perfeito quando da sua concepção inicial. Tudo é imitável, e passível de falsificação. Isso abrange desde eletroeletrônicos aos itens mais supérfluos, desde que produzidos a baixo custo e elevado lucro.

³⁹⁶ Expressão inglesa que significa “produzido em ou no” para indicar a procedência de fabricação de produtos.

³⁹⁷ Disponível em: <http://www.dw.de/1877-made-in-como-selo-de-qualidade/a-901692>. Acessada em 29/03/2013.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O ilícito jamais foi tão lícito. O desrespeito à alteridade, a ética e ao ético tão legítimo e legitimado nas práticas diárias do mercado econômico e da convivência e cumplicidade do poder público e dos políticos confirmam a tese de que se o fundamento da humanidade e do direito se enquadraram em convenções perversas em nome da produção e do lucro licencioso o resultado é muito mais do que o achatamento que se refere Friedman é a exclusão por meio da ausência de trabalho, do excesso de concentração de rendas e de bens e da morte silenciosa daqueles que enfeiam a própria lógica da exclusão, o que torna extremamente atual a tese de Rousseau de que a servidão é fruto de uma convenção.

O desejo de capitalizar de muitos, atrelado e movido pela avidez desenfreada de possuir de outros tantos, criam vendas que encobrem, camuflam e legalizam mecanismos de exploração de milhares de vidas humanas em todo o planeta sob o discurso da geração de emprego, ou pior ainda, do desenvolvimento global, com os auspícios de todos.

Se a esfera do produzir invadiu o espaço do agir essencial, então a moralidade deve invadir a esfera do produzir, da qual ela se mantinha afastada anteriormente, e deve fazê-lo na forma de política pública. Nunca antes a política pública teve de lidar com questões de tal abrangência e que demandassem projeções temporais tão longas. De fato, a natureza modificada do agir humano altera a natureza fundamental da política. (JONAS, 2006, pg.44).

Se consumidores induzidos, adestrados, condicionados, ávidos e alienados não querem saber como ou sob que condições aquele artigo foi produzido, aquele que obteve o lucro final e majorado com a sua produção tem certamente motivos para ampliar as pesquisas em torno do consumo, pois a tríade divina do capitalismo é formada exatamente pela produção, consumo, lucro. O lucro é a finalidade teleológica do capital e para atingir esse fim tudo é válido. Essa tese explica a *normalidade* com que o mundo capitalista assiste a morte diária de



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

milhares de pessoas por causa da fome, do frio, da ausência de condições mínimas de vida. Rousseau diz que “Se quisermos saber no que consiste, precisamente, o maior d todos os bens, qual deva ser a finalidade de todos os sistemas de legislação, verificar-se-á que se resume nestes dois objetivos principais: a liberdade e a igualdade”.(ROUSSEAU, 1999, v. I, p 127)

A produção está para a demanda, não importa por que meios. O nosso consentimento traz legalidade para a exploração da mão de obra infantil³⁹⁸ (como admitiu recentemente a Apple³⁹⁹ em suas fábricas na Ásia), para a semiescavidão, para a imoralidade e impiedade nas relações de trabalho e desrespeito total a toda e qualquer convenção dos direitos humanos, que em teoria, deveria ser válida para todas as pessoas do planeta.

Alguém produz sob condições desumanas num canto qualquer do planeta, de forma a baratear os custos e aumentar os lucros, para outro consumir em algum outro lugar distante. Nada mais normal numa economia globalizada, dizem os governantes, os detentores do capital, empresários e economistas. No entanto, entre quem produz e quem consome existe uma longa cadeia de ilegalidades e subversão de direitos e deveres que de forma alguma fazem força para se esconder, procuram no máximo disfarçar-se, seja aqui ou noutra lugar do planeta. A questão inquietante é entender por que, num estado de direito, tanto as pessoas (sociedade) quanto o poder público (Estado e suas instituições) não se importam, ou se importam cada vez menos com seu semelhante, com o cidadão daqui ou de acolá, quando deveria ser justamente ao contrário.

Hans Jonas diz que “os fins permanecem ativos ao longo de todo o processo, com o mesmo sentido original” (JONAS, 2006, p. 114), se de fato é assim, jamais poderíamos aceitar o velho jargão que afirma: os fins justificam os meios. Se

³⁹⁸ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u701196.shtml>. Acessado em 29/03/2102

³⁹⁹ A Apple, fundada por Steve Jobs, é sediada nos Estados Unidos, mas tem fábricas em Taiwan, Singapura, Filipinas, Malásia, Tailândia, República Tcheca, e é uma das maiores e mais poderosas empresas do mundo em tecnologia de computadores, iPods e aparelhos celulares.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

aceitos, então se justifica o sacrifício de vidas humanas em alguma parte da Ásia ou da África como meio para que eu possua um objeto qualquer que me dê a impressão de poder ou status conforme os ditames da moda?

No entanto, adulteramos o conceito de moral e ética quando, mesmo tendo conhecimento real e concreto do que ocorre nessas linhas de produção, e nos dispomos a mobilizações através de ONGs⁴⁰⁰, denúncias pela Internet regadas com fartura de imagens, dados e estatísticas, permanecemos consumidores fiéis e costumazes destes produtos, alimentando assim, o círculo da exploração e da morte.

Os exploradores serão culpados pelo simples fato de sê-lo e, além disso, como ninguém é capaz de suportar por muito tempo a consciência da culpa, eles sofrem com a deformação moral da insensibilização e da consciência mentirosa, sem as quais não poderiam continuar a desempenhar seu papel. De resto, eles podem ser irrepreensíveis na condução da sua vida pessoal e mesmo providos de uma compaixão delicada, em um âmbito devidamente delimitado. (JONAS, 20006, pg. 274).

Estamos dispondo a nossa consciência moral e ética à vontade, que é anterior a liberdade. E quando eu alieno a minha liberdade eu me desposso da minha qualidade de homem, adaptando conceitos essenciais a grande estratégia capitalista que é de homogeneizar as massas, criando necessidades artificiais, e satisfações passageiras, garantindo assim, a continuidade do processo. E tudo isso com o ornamento das boas ações positivas.

400 É a sigla de Organizações Não Governamentais, que são grupos que não possuem fins lucrativos, e fazem diversos tipos de ações solidárias, para grupos específicos, como crianças, idosos, animais, meio ambiente, e etc.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

CONCLUSÕES

Sempre existiram profundas diferenças entre os homens. Mas, tais diferenças não são provocadas por causas naturais, mas sociais. Alguns se alimentam bem todos os dias, têm mais dinheiro do que podem gastar, mais comida do que podem comer, trabalham poucas horas, tem acesso à saúde e educação e dispõem de tempo e condições para desfrutar das mais variadas formas de lazer. Enquanto isso, outros lutam para apenas “sobreviver”. São situações tão absolutamente inversas que nos obriga a questionar sobre se de fato a vida humana é prioridade.

Os enormes avanços tecnológicos, o aumento na produção agrícola e industrial, a facilidade na comunicação que aproximou tudo e todos nos transformando em vizinhos, não teve a mesma correspondência no que tange a questão da melhoria da qualidade de vida para milhões de pessoas no planeta. Na verdade o que vemos é o aprofundamento do fosso que separa ricos e pobres, donos do capital e despossuídos. Enquanto centros avançados de pesquisa ao redor do mundo discutem o genoma humano, as células tronco, investem fortunas para detectar vida em outros planetas e no desenvolvimento e produção de armas cada vez mais letais, em outra parte, talvez não muito longe, milhares de pessoas morrem por falta do mais elementar para a manutenção da vida, o alimento. A realidade mostra a grande diferença entre a prosperidade dos países abastados e a pobreza extrema em outras partes do planeta.

O vocábulo globalização surge do radical global, que significa integral, inteiro, total. No entanto, a globalização se mostra excludente em todos os seus aspectos. O processo de globalização na verdade apenas ampliou o conceito já há muito conhecido e usado por dominadores sobre dominados que é a prevalência da lei do mais forte. A subjugação do mais fraco pela força, seja por meio das armas ou por meio do poderio econômico. Seguindo esta perspectiva, podemos perceber



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

claramente que a estratégia do capital global é dividir e enfraquecer para melhor dominar.

Retornamos a La Boétie que indaga por que ocorre tamanho infortúnio ao homem. “Será covardia?” (1982, p 75) Uma humanidade inteira covarde? Como? “Não é só covardia” (idem). É o hiato entre a liberdade e a escravidão. Pois são os homens que se deixam escravizar, cair no vazio, no sem sentido de uma existência limitada, fruto de uma doação completa ao domínio tirânico, voluntariamente. Nossas ações devem concretizar uma forma de poder. Lutar pelo direito do humano.

REFERENCIAS

- FRIEDMAN, Thomas L. O mundo é Plano. Uma breve história do século XXI. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- JONAS, Hans. *O Princípio Responsabilidade. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- LA BOÉTIE, Etienne. O Discurso da Servidão Voluntária. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O contrato social*. São Paulo: Abril Cultural, 1999.
- SAVERIANO, Maria de Fátima Vieira. *Narcisismo e publicidade: uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade*. São Paulo: Annablume 2001.